

ISSN 3085-5624

Eixo Temático 3 – Fontes, Recursos e Serviços de Informação

INFLUÊNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÃO PARA O INCENTIVO À LEITURA***INFLUENCE OF STORYTELLING IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION: CONTRIBUTION TO ENCOURAGING READING***

Givaldo Fernandes da Silva - Universidade Federal de Alagoas (UFAL),
givaldo.fernandes@ichca.ufal.br, <https://orcid.org/0009-0009-6054-5970>

Nelma Camêlo de Araujo - Universidade Federal de Alagoas (UFAL),
nelma.araujo@ichca.ufal.br, <https://orcid.org/0000-0002-4892-7484>

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este trabalho objetivou demonstrar a importante influência da contação de histórias no desenvolvimento integral de crianças na educação infantil, tendo como alvo principal sua contribuição para o incentivo à leitura. Mediante uma intensa revisão bibliográfica, nas bases de dados da BRAPCI e na EBSCO, sendo pesquisado como a narrativa oral, dominada por recursos lúdicos e imaginativos, impulsiona o progresso da linguagem, da cognição, da afetuosidade, da inteligência, do talento e da inventividade, traçando os alicerces para a satisfação e o hábito da leitura. Ao final do trabalho pode ser observado o papel do contador de histórias como mediador desse processo, assim como as finalidades eficazes da contação e o valor de um meio rico em experiências literárias para alimentar e ampliar o campo para futuros leitores.

Palavras-chave: contação de histórias; educação infantil, incentivo à leitura.

Abstract: *This work aims to demonstrate the important influence of storytelling on the comprehensive development of children in early childhood education, focusing primarily on its contribution to encouraging reading. Through an intensive literature review of the BRAPCI and EBSCO databases, we investigated how oral storytelling, dominated by playful and imaginative resources, drives the development of language, cognition, affection, intelligence, talent, and inventiveness, laying the foundation for the satisfaction and habit of reading. At the end of the work, we can observe the role of the storyteller as a mediator in this process, as well as the effective purposes of storytelling and the value of a medium rich in literary experiences to nurture and expand the field for future readers.*

Keywords: *storytelling; early childhood education; encouraging reading.*

1 INTRODUÇÃO

Na Educação Infantil, o costume da contação de histórias ultrapassa a prática de um simples passatempo, estabelecendo-se como um importante e valioso instrumento pedagógico que traz consigo resultados significativos quanto ao progresso cognitivo,

emocional, social e preponderantemente no que compreende o incentivo à leitura. O presente trabalho objetiva conhecer melhor a ação diversificada utilizada na atividade da contação de histórias, e mostrar como ela incita o imaginário, amplia a linguagem, auxilia na compreensão do mundo e, por conseguinte, inicia o interesse pelo hábito e o prazer da leitura nas primeiras fases do aprendizado, demonstrando que a contação de histórias otimamente delineada e bem realizada se reveste de um valor primordial para a criação de futuros leitores críticos e engajados. O hábito da leitura é uma ação fundamental para o pleno crescimento intelectual do indivíduo, assim como para a sua integração ativa com o meio social. Não é um acontecimento voluntário o acordar para o mundo das letras, no entanto, ao sentir a influência trazida pelo costume de ouvir histórias, e a curiosidade por conhecer novas narrativas, o indivíduo se deixa mergulhar na fonte dos livros.

A contação de histórias é um grande passo contributivo para a boa formação das pessoas, pois desperta e incentiva a imaginação, amplia as habilidades linguísticas e enriquece a cultura, a empatia e abre uma maior percepção do mundo. É sentido que as escolas pouco exploram o hábito e as práticas de leitura que estimule o aluno. Com base nesse contexto, este trabalho de caráter bibliográfico e quantitativo, procura analisar a importância da contação de histórias para o incentivo à leitura (Dieter; Antunes; Volmer, 2024).

Nesse sentido, percebe-se que referida atividade culmina estreitar o laço emocional que une crianças e adultos, criando um ambiente de aprendizado que contribui para a formação da criança.

O costume da contação de histórias remonta a um passado longínquo, à origem da humanidade, sendo passado de geração a geração, mediante gestos e pinturas rupestres, onde era divulgada “a sabedoria humana, o resgate de pensamentos e ensinamentos de diferentes povos e culturas, [...]” (Abate; Stoltz, 2019, p. 3).

As pinturas rupestres retratam a transmissão e o compartilhamento de relatos da vivência, no dia a dia, compreendendo a pesca, a caça, a observação curiosa, além de eventos outros que eram registrados nas paredes das cavernas e em espaços que favorecesse o primitivo desenhista. Assim, “Desde que o mundo é mundo, o homem sempre esteve ao lado de suas narrativas, ao redor do fogo, por meio da escrita rupestre entremeadas de sons guturais até a elaboração da linguagem” (Bedran, 2012, p. 25).

Dessa maneira, a contação de histórias existe desde os tempos imemoriais, sempre atrelada à formação e ao desenvolvimento do ser humano, ocupando uma posição crucial na Educação Infantil, sobretudo no que diz respeito ao incentivo à leitura.

Tudo teve início pelo uso da oralidade, assim o ser humano passou a difundir sua cultura, partilhando seus costumes, hábitos e práticas. Sem esse costume seria impossível a sociabilidade e a consciência de quem somos (Bedran, 2012, p. 25).

Entre muitos povos, passada de geração em geração, a contação de histórias era exercida por um único membro de cada comunidade, quase sempre um ancião. Um exemplo são alguns povos da África que possuem contadores de histórias “oficiais”, conhecidos por Griots; da mesma maneira, muitos grupos indígenas exercem o mesmo costume, se reunindo para ouvir histórias narradas pelos anciãos da tribo. Em suma, “Todas as culturas possuem seus contadores e suas fontes de histórias” (Bajard, 2014, p. 27), sendo eles os disseminadores da história de sua gente, dos seus valores e de suas crenças. Desse modo, a contação de histórias tem evoluído e conquistado mais e mais admiradores que, além de desfrutar a companhia dos demais adeptos, entendem o momento como uma partilha também de afetos que vão se formando no decorrer da narrativa e, até, numa troca de olhares; isso porque a criatividade

[...] transforma-se em meio de ampliação da experiência de uma pessoa porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ela pode imaginar o que não viu, o que não vivenciou diretamente em sua própria experiência, mas pode aventurar-se para além deles, assimilando a experiência histórica ou social alheias com a ajuda da imaginação (Vygotsky, 2018, p. 27).

À guisa de ilustração, será traçado um percurso sobre a contação de história nas diversas fases da vida humana. Foi convencionado que o dia 20 de março seria, também, dedicado à comemoração do Dia Internacional do Contador de Histórias. Embora o evento não seja divulgado e por isso pouco conhecido, ele teve sua criação no ano de 1991, na Suécia, com o fito de homenagear os contadores de histórias, essas pessoas que reúnem outras e lhes dedicam tempo para oferecer-lhes momentos de narrativas, por todas as partes do mundo.

Em nosso meio, sempre foi sobejamente comum o contar e o ouvir histórias, tanto por pessoas “mais velhas” quanto por crianças e adolescentes. Ouvimos histórias desde a

mais tenra idade e seguimos ouvindo-as até nosso final. Quem nunca ouviu a frase: “Era uma vez...”, pois costumeiramente era assim que começavam as histórias que nos eram contadas.

Em corroboração a esse dito, nos festejos momescos de 1973, o Grêmio Recreativo Escola de Samba em Cima da Hora – do Rio de Janeiro – apresentou o samba-enredo intitulado “O Saber Poético da Literatura de Cordel”, cujos primeiros versos diziam: “Era uma vez, era assim que começava, eu era criança e ainda recordo das histórias que a vovó contava...”. Isto reforça o quão costumeiro é o ouvir e o contar histórias, desde as mais infantis até as consideradas restritas aos adultos, sejam fábulas, “histórias da carochinha”, quimeras em geral, lendas folclóricas brasileiras ou estrangeiras e até relatos reais de fatos acontecidos na vida do próprio contador ou de outrem que lhe tenha chegado ao conhecimento.

Assim sendo, consta que dentre as primeiras manifestações, quer familiares ou não, e confraternização em comunicação social, estas foram representadas pela contação de histórias, quando alguém transmitia aos presentes, os ocorridos, as experiências, os ensinamentos... Enfim, eram instantes em que um membro do grupo ou da comunidade repassava, àqueles que o ouviam, narrativas de aventuras, valores humanos e sociais além de fatos que passavam a nortear, qual bússola, caminhos a serem trilhados por aquela comunidade. Dessa forma, iam passando repetidamente os valores humanos e sociais enquanto compreendiam mais amiúde os comportamentos que impulsionavam as ações e os movimentos de membros da comunidade ou até de fora dela.

Diante disso, a contação de história é uma das formas mais antigas de comunicação humana, uma vez que desde os tempos pré-históricos os povos se utilizam do hábito da contação de histórias para transmitir conhecimentos, valores, tradições, cultura, exemplos e ensinamento.

Nos primórdios do desenvolvimento humano, em face das necessidades e habilidades de interação e comunicação com os semelhantes, falando-lhes e ouvindo-os, o homem passou a contar histórias. Eram momentos em que aqueles povos ancestrais criavam instantes, quase sempre em volta de uma fogueira de confraternização, e se reuniam contando ou ouvindo histórias e trocando experiências e conhecimento. Essas ações auxiliavam a todos naquilo que compreende passar o tempo, afastar o tédio e manter o bom

humor. O exercício da contação de histórias abre um leque de vantagens englobando todos os participantes, o contador e os ouvintes.

Conforme foi se descortinando a névoa do tempo, constatou-se que a contação de histórias era uma maneira de se manter as culturas e os valores tanto dentro da comunidade quanto no âmbito de toda a sociedade, repassando o conhecimento, as experiências e a aprendizagem para outras sociedades, outros povos, e ciclicamente às futuras gerações. Destarte, confirma-se que o ato da contação de histórias sempre foi um fator de preponderante importância no desempenho da evolução humana, o que leva à compreensão de que tal ato representa a forma mais importante, encontrada pelo ser humano, para expandir através de fatos, relatos e casos narrados os experimentos e o aprendizado colhidos nos acontecimentos pelos quais o contador ou algum outro ator viveu ou teve conhecimento, pois essa ação de ouvir ou de contar histórias é de cabal ajuda para a formação e ampliação do pensamento crítico das pessoas. Compreendendo esse tema, enunciou Chaves (1963, p. 21):

Todos apreciam uma boa história, mas muito pouca gente conhece o valor real dela. Muitos que a usam para diferentes fins, como entreter, despertar a atenção ou descansar a mente, ignoram que, mesmo quando usada com estes objetivos em vista, a história é um elemento poderoso na formação do caráter daqueles que a ouvem. [...] Podemos afirmar que o valor real da história é ser instrumento educativo e deste ponto de vista, atende às necessidades humanas em todos os seus aspectos.

Vem de tempos imemoriais a arte e o costume de se contar histórias, e esse hábito, ou mania, mantém-se até os dias atuais, em constante renovação, sendo uma maneira de conservação e coadjuvação de reminiscências por uma comunidade, uma sociedade ou um indivíduo; é uma maneira de revivência por meio de palavras.

No âmago da comunicação humana, na troca de informações mediante as histórias correntes entre as pessoas tem-se o contar fatos e, até, falácias, paralogismos ou sofismas como uma das mais remotas maneiras de troca de experiências e informações, pois são as histórias que possuem o condão de abrir horizontes no que concerne à transmissão de saberes, valores, cultura, hábitos, convenções e afins, tudo isto para explicitar eventos ou manifestações advindos da natureza, da fantasia, da criatividade do narrador, de feitos e aventuras reais com o intuito de tentar passar algum conhecimento moral e psicológico aos

ouvintes, indicando limites, diversão, jocosidade, brincadeiras e, no mesmo contexto, afeição, sentimento e comoção.

A contação de histórias descende, como citado inicialmente, do acender da comunicação falada. Sua prática teria nascido por meio das pessoas mais velhas e mais sábias do grupo: os anciãos, os líderes, os curandeiros, os feiticeiros, os pajés e os guerreiros ou caçadores mais experientes, os quais se utilizavam de símbolos, sons, mímica, trejeitos, caretas, mungangas e sinais com o objetivo de melhor se fazerem entender quando dos relatos e das narrações, quando a saga é retransmitida entre grupos, entre gerações e culmina com o ver-se alterado, no todo ou em parte, de acordo com o senso criativo e a relembração do novo narrador.

O contador de histórias seria uma figura ímpar, provavelmente considerado o, ou um dos, mais sábios do grupo ou da comunidade. Pessoa procurada por grande parte dos demais que objetivavam algum aconselhamento, indicação, explicação detalhada de como agir com segurança, alguma demonstração de ação que denotasse astúcia, destreza, esperteza, para se alcançar bons resultados naquilo que se pretendia.

Sendo um ancestral apresentador, funcionando num mundo carente de quaisquer tipos de recursos além da sua imaginação e lembrança, imprescindível fazia o uso da sua criatividade narrativa ao proferir suas histórias, abarrotadas de fatos, situações acabadas ou não, lendas, “causos”, mitos, dentre outras coisas do gênero, ampliando ou diminuindo uma imagem, tornando-a menos ou mais apavorante no contexto de uma realidade em que estava presente o desconhecido.

Sua imaginação viva deveria conseguir funcionar no sentido tanto de amenizar ou abrandar as sensações de temor ou medos, quanto de criar imaginários cenários que poderiam se estender de bucólicas e paradisíacas paisagens agradáveis, transmissoras de sonhos enlevantes e sentimentos extasiantes, até panorâmicas e hipotéticas ações dramáticas e aterrorizantes; o que tornava as histórias interessantes, atraentes e desejadas; uma vez que, de acordo com a forma narrativa da história apresentada aos ouvintes, estes conseguiam entender com maior fluidez tudo o que se passara naquilo que fora contado e que conduzia a plateia à imaginação de mundos e situações diferentes daquilo que se passava a sua volta, e aprendiam a responder melhor ao inusitado que porventura surgisse, pois se sentiam mais bem preparados.

A atuação daquele contador de histórias os levava a extrair das experiências contadas o mais desmedido e extenso aprendizado que continuaria sendo expandido pelas futuras gerações. E sabemos que referidas ações transmitem enorme contribuição à formação de identidade de crianças e adolescentes, assim como à formação cultural destes.

O desvelo e a dedicação dos contadores de histórias, desde os primórdios, passando pela Era Medieval e chegando aos dias atuais, demonstram como desde o limiar da arte da narrativa oral, quer nas cavernas, no campo, nas habitações mais remotas, nas povoações rurais, nos castelos mal iluminados e sombrios, aqueles narradores se esforçavam para transmitir, sentados em volta de fogueiras ou lareiras, aquilo que viram, ouviram ou que viveram, e para isso eram utilizados processos que pudessem atrair a atenção dos ouvintes, deixando-os num estado de quase hipnose dada a ênfase usada na narrativa com certo ar de mistério e êxtase, que culminava em deixá-los magnetizados.

O referido método ainda é utilizado, ao menos em parte, por aqueles que se dignam, atualmente, a exercer tão nobre mister. O contador de histórias não deixa de ser, cognitivamente, um mágico criador de quimeras e fantasias que transportam os expectadores para e por mundos e espaços imaginários, enlevando por mistérios profundos ou utópicos recantos espaciais a quem o ouve. Esse narrador não se limita ao resumo de uma história, mas, copiando as práticas de antepassados advindas da antiguidade greco-romana, transforma-se num verdadeiro bardo ao transmitir histórias, cantos, lendas, mitos, poesias, recitando tudo o que encante, maravilhe ou, até, amedronte aos que ansiosa e curiosamente dele se acercam; e quase sempre este explora e povoa esse universo com imagens que objetivam, além de divertir, encorajar os ouvintes ao enfrentamento do desconhecido que povoa suas mentes; ao mesmo tempo os educandos, fortalecendo e encorajando na penetração de mundos e situações imaginárias, levando-os a melhor encarar as situações do cotidiano.

A manifestação oral na arte de contar histórias foi iniciada muito antes da prática da escrita na história universal e do conhecimento de cada criança. Por meio da narrativa do contador, horizontes se descortinam, personagens alcançam concretude e sentimentos são compartilhados, surgindo vínculos de afetividade e estreitamento com a linguagem e ampliando o desejo de mais conhecimento que leve a novas histórias.

Este trabalho teve a pretensão de investigar e trazer ao lume a enorme interferência da contação de histórias no âmbito da Educação Infantil, mostrando com minudências suas reais vinculações com a evolução total das crianças e, principalmente, fazer nascer o interesse e o hábito da leitura.

Para tal, foi realizada pesquisa nas bases de dados da BRAPCI na área da Ciência da Informação e na área da educação a EBSCO, todos os trabalhos selecionados, foram inseridos ao longo do texto, colaborando com a interlocução dos autores quanto a importância da Contação de História para crianças, em especial quando do início da vida no ambiente escolar.

Ressalta-se ainda que não houve a preocupação por parte dos autores do trabalho de sistematizar os resultados da pesquisa por área e suas respectivas autorias, tão pouco o registro de tempo, pois o foco foi perceber a importância do tema para o desenvolvimento infantil no que tange a contação de história e a importância do contador. Assim, segue as seções que apresentam os resultados do trabalho.

2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E OS EFEITOS PEDAGÓGICOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A mera transmissão de narrativas está muito aquém da contação de histórias quando se trata de zelar pela Educação Infantil; uma vez que o desenvolvimento infantil tem na contação de histórias um valioso instrumento usado em todos os matizes da pedagogia.

Segundo Abramovich (1997), sempre que uma criança é exposta à contação de histórias, ela sente descortinar-se o horizonte de um variado vocabulário, de dissemelhantes estruturas frasais e o tesouro valiosíssimo da linguagem oral. Semelhante exposição torna-se a maior condutora para a dilatação do conjunto linguístico que utilizará por toda a vida, aperfeiçoando sua habilidade em expressar-se, entender e compreender, assim desenvolvendo a linguagem.

Por sua vez, Bettelheim (1980) explica que as histórias estimulam a imaginação e a criatividade, guiando as crianças para outros horizontes, tempos, espaços e lugares, trazendo-lhes situações e personagens que desafiam o imaginário e a realidade imediata, ajudando-as na criação mental de imagens e no desenvolver do pensamento abstrato.

Colomer (2002) se reporta ao desenvolvimento emocional e social da criança que exposta a frequentes narrativas que tratem de assuntos universais, como coragem, medo, amizade, alegria e tristeza, cria um laço de maior identificação com os personagens e as aventuras e experiências vivenciadas por eles, o que levará a desenvolver e ampliar a empatia, compreender melhor as emoções e ver prosperar a aptidão de lidar com as variadas situações sociais.

Quanto ao fator referente ao desenvolvimento da atenção e do sentido de concentração, Vygotsky (1998) acentua que o assistir atentamente a contação de uma história exige bastante atenção e concentração, na medida em que uma narrativa cativante, rica na variação de entonação e ritmo ajuda a criança a desenvolver sua capacidade cognitiva necessária para o aprendizado e a facilitação da leitura.

De acordo com Freire (1996), para a promoção do senso crítico, muitas histórias, até as mais simples, carregam consigo o condão de provocar reflexões sobre valores, comportamentos e dilemas morais, cooperando com o crescimento do senso crítico e da capacidade de análise.

Desde o instante em que alguém se entrega à leitura da literatura, começa a exercitar a imaginação, surgindo uma rica ocasião para ter uma maior compreensão tanto de si próprio quanto do mundo como um todo. Essa aproximação e crescente intimidade com o universo da ficção e da realidade ampliam seu processo de humanização, desenvolvendo maior senso de empatia e passando a compreender melhor o fluxo natural da vida, com seus encantos e suas complexidades.

Com o hábito da leitura a pessoa aprende a melhor assumir sua posição no mundo que a cerca, a ter uma ótima compreensão de si mesma e a ter ideias próprias. Uma grande valorização da leitura da literatura é que esse exercício auxilia na ampliação do imaginário e amplia sua condição de encontrar soluções para os problemas do cotidiano. Assim, resolvem-se dificuldades se usando a criatividade, que, associada ao intelecto, apresenta possibilidades de ação (Zilberman, 2012).

Face a importância oferecida pela literatura na formação da personalidade do indivíduo, é fundamental estimular o hábito de leitura nas crianças o mais cedo possível, pois ela “[...] constrói seu conhecimento através de trocas comunicativas com outras

pessoas e da experimentação do meio em que se insere” (Antunes; Martins; Kunz, 2021, p. 2).

A razão é que os “bons livros poderão ser presentes e grandes fontes de prazer e conhecimento. Descobrir estes sentimentos desde cedo, poderá ser uma excelente conquista para toda a vida” (Silva, 1992, p. 57).

Dessa forma, o envolvimento da criança, com a literatura, desde os primeiros passos, a exporá num cenário de experiências que muito a irá auxiliar a manifestar seu estado de espírito, seus afetos e melhor ordenar sua interioridade. Outrossim, é importante considerar que “O ser humano se mobiliza por meio das histórias que escuta e é importante que alguém lhe conte [...]”. (Panozzo; Ramos, 2011, p. 53).

É compreensível que o início da leitura na mais tenra idade exerce um importante papel tanto na formação da pessoa quanto em todo o ambiente em que ela convive, desenvolvendo profundas transformações, eis que:

Se todos passamos pela infância e se está demonstrado que o que se constrói nesses anos implica qualidade de vida, oportunidades educativas e, por consequência, desenvolvimento individual e social de cada indivíduo, “oferecer literatura” às crianças menores pode contribuir para a construção de um mundo mais equitativo, proporcionando a todos as mesmas oportunidades de acesso ao conhecimento e à expressividade desde o começo da vida (Reyes, 2010, p. 16).

A linguagem escrita ou oral, direcionada às crianças culmina na oferta de experiências muito ricas, as quais possuem uma grande força de influenciar com enormidade o futuro desses, leitores infantis, porque a “[...] imaginação aumenta os valores da realidade” (Bachelard, 2008, p. 23), nessa conformidade, quando a criança passa a entender com maior ênfase os seus sentimentos, mais fácil se torna para ela compreender o outro, assim como o mundo que a cerca. Num cenário assim, por meio da literatura, torna-se possível conhecer um sem número de situações, em um despertar de reflexão e mudanças na maneira de se perceber e raciocinar sobre o mundo.

Há pouco mais de cinco mil anos teria surgido a escrita, tempo em que eventos, acontecimentos os mais diversos entravam em cena mediante as narrativas, revelando, criando, fantasiando ou contando os atos, e agora surgia a documentação dos fatos na forma da escrita, que seria deixada para as gerações futuras ou para consultas sempre que se desejasse. Tais registros foram deixados em suportes variados, em pedras, argila, pele de animais (os chamados pergaminhos), papiro e papel; essa variedade de material configurou

a precisa propagação e manutenção das histórias que até então se alastravam apenas na oralidade. Mencionados registros puderam ser difundidos no tempo e no espaço geográfico e transportados, quer no original ou na forma de cópias, para outros povos e outros países. O registro histórico mais antigo que se conhece, até então, é a “Epopéia de Gilgamesh”, um compilado de um antigo poema épico da Mesopotâmia que conta as peripécias do rei de Uruk, Gilgamesh, na busca pela imortalidade.

Consideradas também como obras literárias escritas mais antigas, temos as epopeicas narrativas das aventuras de heróis gregos, a “Ilíada” e a “Odisseia”, de Homero. Conforme o passar do tempo, foi-se ampliando o leque de novas histórias, quer reais ou fictícias, em que a criatividade do narrador perpassa as barras da imaginação, mergulhando o mais profundo no campo das quimeras, criando narrativas que têm o condão de enlevar grandemente aqueles que o escutam, sejam estes, crianças, adolescentes ou adultos. A contação de histórias é uma forma fecunda de arte que a todos encanta.

A contação de histórias, como narrativa, persiste nos dias atuais e seguirá o caminhar da humanidade, nunca perdendo seu caráter de arte na oralidade, uma vez que não se resume apenas à tangibilidade da fala, porque engloba: modo de dicção, ritmo, volume, inflexão, modulação, além de mímica e de gestualidades que transportam o ouvinte pelo amplo portal do imaginário.

As pessoas passaram a viver da arte da contação de histórias, sendo estas distinguidas por um variado número de adjetivos: bardos, menestréis, griots, trovadores, jograis, dentre outros, conforme o lugar e o período. Essas pessoas se deslocavam por todos os lugares onde houvesse público para ouvi-las. Percorriam as mais diversas comunidades sempre difundindo a sua arte para as mais diferentes classes sociais, em castelos, palácios, feiras, praças, tabernas, etc.

Algumas delas utilizavam alguns instrumentos musicais: harpas, bandolins, flautas e até tambores, além de vestimentas apropriadas, adereços e faziam uso de modulações vocais com o objetivo de tornar suas apresentações mais fascinantes, interessantes e atraentes. Se adultos ficavam encantados com as narrativas imaginemos as crianças, em seu mundo lúdico, quão extasiadas, fascinadas e empolgadas não ficavam visto que ainda ficam nos dias atuais.

3 A CONTRIBUIÇÃO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA O INCENTIVO À LEITURA

Há, figurativamente, uma grande força que une a contação de histórias ao incentivo à leitura. Mergulhadas no mundo mágico apresentado pelo narrador (seja ele em primeira ou terceira pessoa, onisciente neutro ou intruso), as atentas crianças fazem crescer uma tendência positiva ou vocação relacionada ao mundo da leitura, que juntamente com os livros faz nascer o interesse pelo explorar e desvendar o desconhecido. Pois as boas narrativas escancaram o universo da curiosidade e ativam a sede de saber o que virá a seguir.

Refletindo sobre o poder de transformação da leitura e compreensão de textos literários, faz-se necessário incentivar as crianças a aceitarem, cada vez mais e com maior empenho, as obras literárias, já que “O bem de um livro estar em ser lido” (Eco, 2015, p. 21).

Dessa maneira, um método de grande eficácia para desenvolver e reforçar o prazer e o costume da leitura no ambiente infantil pode ser aplicado com o hábito da contação de histórias, exercício que deve ser desenvolvido por uma pessoa que domine essa arte e que tenha desenvoltura no uso da voz, nas expressões faciais, no uso do corpo com gesticulações e mímicas, conseguindo, com isso, interações que atraiam e envolvam o público ouvinte, porque apenas acessar livros ou dedicar horas à leitura não é o suficiente para despertar o interesse pelo prazer da leitura. Para que isso ocorra é de enorme valia compreender que “Ter, apenas, acesso aos livros ou tempo para ler não basta, nem simplesmente deixar ler, para que o interesse pela leitura ocorra, é preciso apresentar os livros aos leitores em formação. Para tanto, faz-se necessário investir na mediação de leitura.” (Souza, 2009, p. 11).

Muitos leitores poderão ser conquistados se o mediador de leitura utilizar uma contação de história com total desembaraço, devoção completa, carinho e afeto, interagindo com leitores e livros. Ao aliar a narrativa à apresentação do livro o mediador atrai o desejo dos membros do grupo para o acesso àquela obra literária que tão intensamente e de forma poética lhes despertou a fantasia de embarcar numa viagem pela literatura, alegre, linda ou misteriosa. Sobre isso, Busatto (2003, p. 45-46) afirma que a conta histórias para

[...] formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para nossa existência e reativar o sagrado.

Nos espaços educativos, a contação de histórias é uma ferramenta que serve para aprimorar as metodologias de ensino, servindo para incentivar o interesse do escolar e os cativar significativamente, visto que “[...] é na curiosidade que o mundo se movimenta, e não na resposta pronta, no mundo explicado da informação.” (Gomes, 2018, p. 55). Consequentemente, o exercício de contar histórias aos escolares representa uma enorme contribuição para transformá-los em indivíduos críticos, assim como formar uma comunidade adepta à leitura, além de desenvolver neles uma forte base de conhecimento, já que o ser humano descortina o mundo através de histórias onde o universo da ficção desvenda para o conhecimento a compreensão do mundo real (Bajard, 2014).

Ao pairar sobre os encantos da contação de histórias, quase sempre compartilhada num espaço cortês, afável e hospitaleiro, onde a leitura está associada a instantes de interação social, segurança e prazer, esse relacionamento movido por um fator emocional positivo desencadeia o favorecimento à criação de leitores que passarão a unir o ato da leitura a uma tarefa enriquecedora, satisfatória e prazerosa, pois a contação de histórias expõe o ouvinte a uma miscelânea de elementos narrativos que trazem à criança o condão de ampliar sua capacidade de organizar, sequencialmente, eventos, identificar personagens principais e coadjuvantes, entender a conexão de causa e efeito e, até, prever desfechos; habilidades estas que serão trasladadas para a leitura, tornando mais fácil o entendimento.

Vasto é o repertório cultural e literário é proporcionado pelas histórias escutadas durante a infância, o qual alicerçará as leituras futuras, quando a crianças se habituar e se ambientar com os vários estilos, autores e gêneros, formando entendimento e compreensão prévios ao se deparar com textos de maior complexidade.

Narradores, educadores e familiares que, com prazer, se dignam a contar histórias ou ler para as crianças assumem uma posição de modelos de comportamento leitor, o que positivamente influencia a percepção dos pequeninos sobre a leitura, levando-as a sentir que se trata de uma atividade prazerosa, útil e valiosa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na educação infantil, a contação de histórias sobrepuja o que seria um mero passatempo, já que além de uma prática pedagógica que auxilia no desenvolvimento da imaginação, traz progresso à linguagem e, primordialmente, forma o arcabouço que servirá de sustentáculo para o amor à leitura.

Ao abrir os horizontes das significativas experiências transmissoras de narrativas, os contadores de histórias, professores, familiares e contribuidores outros, estão valorosamente colaborando para uma melhor formação de indivíduos conscientes, criativos, críticos e seriamente comprometidos com o universo das letras e da leitura.

Não somente nas escolas infantis, mas na sociedade como um todo e onde houver preocupação com a formação de futuros cidadãos íntegros e honrados, deve-se fazer investimentos, sem medidas, para a prática da contação de histórias, na medida em que se estará cultivando a satisfação e o prazer pela leitura, além do desvendar de horizontes componentes do universo do conhecimento que os livros podem oferecer. Ficará demonstrado um poderoso instrumento mágico da transformação construtiva de um futuro com maior número cidadãos leitores donos de maior consciência e participação na vida social.

REFERÊNCIAS

ABATE, E. A. B.; STOLTZ, T. Contação de histórias e desenvolvimento do adulto contador. **Práxis Educativa**, [s. l.], v. 15, p. 1–17, 2019.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

ANTUNES, J. M.; MARTINS, R. L.; KUNZ, M. A. Eu conto, tu contas, ele conta: a leitura compartilhada para a promoção do protagonismo infantil. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 8, n. 33, p. 342-351, 2021.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BAJARD, Élie. A sessão de mediação: Um dispositivo engenhoso. In: BAJARD, Élie. **Da escuta de textos à leitura**. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2014. p. 43-66.

BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias**: narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BUSATTO, Cléo. **Contar e Encantar – pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CHAVES, Otília O. **A arte de contar histórias**. 3. ed. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1963.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2002.

DIETER, Márcia Tatiana Funke; ANTUNES, Jéssica Maís; VOLMER, Lovani. Contação de histórias: um caminho para encantar alunos e enriquecer a prática pedagógica. **EccoS – Revista Científica**, [s. l.], n. 69, p. e26379, 2024.

ECO, Umberto. **O Nome da Rosa**. Traduzido por Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas Andrade. Rio de Janeiro: Record, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Maria Inês de Mattos. O lugar da pesquisa na formação do professor. In: FERREIRA, Elizabeth Fernandes; OLIVEIRA, Luiz Augusto (Org.). **Pesquisa em Educação: diálogos e desafios**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2018.

PANOZZO, Neiva Senaide Petry; RAMOS, Flávia Brocchetto. **Interação e mediação de leitura literária para a infância**. São Paulo: Global, 2011.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância**. São Paulo: Global, 2010.

SILVA, Ana Araújo. Literatura para Bebês. **Pátio**, São Paulo, n. 25, p. 57-59, 1992.

SOUZA, Renata Junqueira de. Prefácio. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 9-18.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Lev S. **Sete aulas de L. S. Vigotski sobre os fundamentos da Pedagogia**. Organização e tradução: Zoia Prestes, Elizabeth Tunes; Tradução: Claudia da Costa Guimaraes Santana. Rio de Janeiro: e-Papers, 2018.

ZILBERMAN, R. A. **Leitura e o ensino da Literatura**. Curitiba: InterSaberes, 2012.